



Teófilo Dias e o acúmulo de poéticas distintas em sua poesia

Teófilo Dias and the accumulation of different poetries in his poetry

Ana Paula Nunes de Sousa^(a)

^a Universidade Federal de Santa Catarina – anapaulacs1234@gmail.com

Resumo: Neste artigo, apresento as marcas de estilo das poéticas Romantismo, Realismo e Parnasianismo na poesia de Teófilo Odorico Dias de Mesquita, poeta maranhense que viveu e produziu suas poesias durante os anos 70 e 80 do século XIX. Para isso, fiz uso da ferramenta computacional Aoidos, a qual realiza escansão automática de poemas escritos em português e espanhol, e que fornece elementos formais de versificação como a quantificação dos metros, dos esquemas rítmicos e dos processos de acomodações silábicas. Além de análises qualitativas, leitura atenta de poemas que compõem *Lira dos verdes anos* (1878, Dias) e *Cantos tropicais* (1878, Dias), realizei, neste estudo, análises quantitativas em *Fanfarras* (1882, Dias) e em obras de poetas denominados românticos, realistas e parnasianos. Das análises informatizadas realizadas, destaco o levantamento automático dos esquemas métricos (precisamente dos versos de 6, 7, 10 e 12 sílabas), uso dos decassílabos heroicos e sáficos, emprego do verso alexandrino clássico e dos metaplasmos sinalefa e sinérese. Como resultado da pesquisa, concluo que, a partir da leitura qualitativa feita dos poemas de Teófilo, bem como dos dados gerados pelo Aoidos, não há uma uniformidade na poética do maranhense, conforme sugere Sílvio Romero (1905), por exemplo, para o qual seria Teófilo Dias o introdutor do Parnasianismo no Brasil quando publicou *Fanfarras*. Pelo contrário, vemos que existe um acúmulo de poéticas distintas em sua obra, seja no que toca às estéticas Romantismo e Realismo (conteúdo), seja em se tratando do Parnasianismo (forma).

Palavras-chave: Teófilo Dias. Poéticas distintas. Estudo quantitativo.

Abstract: In this article, I present the poetic style marks of Romanticism, Realism and Parnassianism in poetry of Teófilo Odorico Dias de Mesquita, a poet from Maranhão that lived and produced his poetry during the years of 70's and 80's of the XIX century. For that, I used the computational tool Aoidos, that made an automatic scan of the written poetry in Portuguese and Spanish and can also give formal elements of versification such as quantity of metrics, scheme rhythms and syllabic accommodations process. In addition of qualitative analysis, a close reading of the poems that are present in *Lira dos verdes anos* (1878, Dias) e *Cantos tropicais* (1878, Dias), I

made in this study quantitative analysis in *Fanfarras* (1882, Dias) and in works from Romanticism, Realism and Parnassianism. From the computational analyzes made, I highlight the automatized data collected of the metric system (specially the verses of 6, 7, 10 and 12 syllables), the use of heroic and sapphic decasyllables, the use of classic alexandric verse and signalepha and syneresis metaphors. As result of the research, I considered that from the qualitative reading of the poems made by Teófilo, and also from the data made by Aoidos, there is no uniformity in the poetic of Maranhão's author according to what suggests Silvio Romero (1905), for example. He suggests that Teófilo Dias was the introducer of Parnassianism in Brazil when he published *Fanfarras*. And on the contrary, we see that there exists an accumulation of different poetries in his work, even in what touches the Romanticism and Realism aesthetic (content) and also in the Parnassianism (format).

Keywords: Teófilo Dias. Different poetries. Quantitative study.

Introdução

Se fizermos uma busca nos nossos manuais de história literária e antologias poéticas acerca da produção literária de Teófilo Dias, poeta maranhense que produziu suas obras durante os anos 70 e 80 do século XIX e que obteve, quando vivo, grande destaque na cena literária brasileira, veremos que ele é tido como o responsável por introduzir o Parnassianismo no Brasil. Alfredo Bosi (2017), por exemplo, em sua *História concisa da literatura brasileira*, diz que, “depois de Teófilo Dias, cujas *Fanfarras*, de 1882, podem chamar-se, de direito, o nosso primeiro livro parnasiano, a corrente terá mestres seguros em Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Olavo Bilac e Francisca Júlia” (Bosi, 2017, p. 233). Entretanto, temos, para além das opiniões críticas de Bosi (2017), outros historiadores e críticos que partilham dessa ideia de que Teófilo Dias foi um poeta parnasiano, quais sejam: Valentim Magalhães (1896), no livro *A literatura brasileira*; Sílvio Romero (1905), com sua *Evolução do lirismo brasileiro*; Ronald de Carvalho (1937), na sua *Pequena história da literatura brasileira*; Otto Maria Carpeaux (1951), em sua *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*; e Antonio Cândido (1960), com o livro *Teófilo Dias: poesias escolhidas*.

De acordo com o que escreve Valentim Magalhães (1896, p. 85), quando se refere ao livro *Cantos tropicais*, “a leitura de Baudelaire e Leconte de Lisle, de que vêm formosas traduções no volume, levam Teófilo Dias ao parnasianismo e ele às *Fanfarras*”. Na opinião desse poeta crítico, *Fanfarras* é “um livrinho encantador, a que o título vai muito mal, porque nada tem de metálico nem de estridente. São peças primorosamente lavradas, na maioria repassadas de um sensualismo delicado, um tanto mórbido, das quais a mais notável é *A matilha*” (Magalhães, 1896, p. 85).

De maneira semelhante escreve Sílvio Romero (1905). Para ele, Teófilo Dias foi o quarto membro do que chamou “áurea quadriga parnasiana”. No seu dizer, Teófilo, ao lado de Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac, pode ser considerado um dos principais representantes do Parnasianismo, em suma, pelo seu “extraordinário culto à forma”. Ainda de acordo com esse crítico, existem muitos pontos de contato entre Teófilo Dias e Raimundo Correia, “o que se explica pela confissão do mesmo credo literário e pela natural convivência mantida entre ambos nos bancos acadêmicos em S. Paulo, onde foram colegas” (Romero, 1905, p. 174).

Ronald de Carvalho (1937), por sua vez, ressalta que Teófilo, “como aliás quase todos os nossos parnasianos, é um lirista eloquente, voluptuoso, cheio de uma exaltação permanente pelo vocábulo cintilante, preferindo a elegância da expressão à profundeza dos conceitos” (Carvalho, 1937, p. 323). Do mesmo modo se coloca Otto Maria Carpeaux (1951, p. 141), ao dizer que “o parnasianismo, o movimento poético de maior repercussão no Brasil do último terço do século XIX e dos começos do século XX”, é representado por Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho, Luís Guimarães Júnior e Teófilo Dias, sendo esses dois últimos homens de letras, conforme ele argumenta, os precursores do movimento (Carpeaux, 1951).

Por último, temos Antonio Candido (1960), aquele que é responsável pelo estudo mais acurado da obra de Teófilo Dias, já que compilou e organizou um pequeno livro com alguns dos melhores poemas do maranhense. Isso posto, segundo ressalta Candido (1960), Teófilo situa-se entre os últimos românticos pelos livros iniciais e entre os parnasianos pelo último, sendo o caxiense uma espécie de parnasiano primitivo. Segundo argumenta esse crítico, “se houvermos de classificá-lo esteticamente, há de ser com base na obra de maturidade, não na inicial” (Candido, 1960, p. 15), posto que suas *Fanfarras* “serviram de modelo, programa e estímulo aos renovadores, que, seja como for, nele encontraram o que andavam procurando” (Candido, 1960, p. 15).

Assim, tendo feito tais considerações, neste artigo, buscarei, diferente da maioria dos estudiosos da produção literária de Teófilo Dias, como é o caso de Magalhães (1896), Romero (1905), Carvalho (1937) e Carpeaux (1951), evidenciar o acúmulo de poéticas distintas na poesia do maranhense. Ao invés de dizer que ele foi o responsável por introduzir o Parnasianismo no Brasil, mostrarei que existem, além do Parnasianismo, marcas de estilo das poéticas Romantismo e Realismo em sua produção. Para isso, usarei a abordagem de estudo quantqualitativa, que é a junção do método qualitativo (leitura crítica da obra) com o método quantitativo (leitura informatizada). Além de realizar análises críticas em alguns dos poemas que compõem *Lira dos verdes anos* (1878), *Cantos tropicais* (1878) e *Fanfarras* (1882), obras que são de autoria de Teófilo Dias, usarei, neste estudo, a ferramenta computacional Aoidos (<https://aoidos.ufsc.br/>)¹, a qual realiza escansão automática de poemas escritos em português e espanhol, e que é capaz de fornecer a

¹ O Aoidos, ferramenta *online* aberta e gratuita, foi pensado e desenvolvido por Adiel Mittmann e pelo Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NuPILL), da Universidade Federal de Santa Catarina.

quantificação dos metros, dos esquemas rítmicos e dos processos de acomodações silábicas em uma determinada obra.

Procedimentos metodológicos

Para a criação do *corpus* na ferramenta Aoidos e eficácia das análises quantitativas, foram feitos alguns procedimentos metodológicos, como a retirada dos textos *Lira dos vinte anos* (Azevedo, 1853); *As primaveras* (Abreu, 1859); *Espumas flutuantes* (Alves, 1870); *Hespérides* (Carvalho Júnior, 1879); *Sinfonia* (Correia, 1883); *Opalas* (Xavier, 1884); *Sonetos e poemas* (Oliveira, 1885); e *Poesias* (Bilac, 1902) da Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos (<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/>); o processo de revisão/padronização da grafia dos textos, a fim de reparar possíveis erros (gralhas e sujeiras) que provavelmente passaram despercebidos pelos pesquisadores responsáveis por disponibilizá-los no site; a conversão dos textos no formato HTML para o formato TXT; e depois, para XML/TEI. E, finalmente, a edição dos arquivos XML/TEI; para isso, foi utilizado o programa Notepad++ (<https://notepad-plus-plus.org/downloads/>)². Essa ferramenta digital permite que façamos, por exemplo, a inserção de elementos básicos em um documento no formato XML/TEI, bem como a marcação dos elementos de estruturas de um texto literário (título, subtítulo, apresentação, introdução, autor, datas, locais, dedicatória, epígrafe, etc.), dos elementos de versos (estrangeirismos, verso em duas linhas, recuo, *enjambements*) e dos elementos de teatro (*tag* para falas em versos)³.

² A maioria dos textos empregados no *corpus* estão disponibilizados na Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos, no formato XML/TEI. Esse trabalho foi feito de forma coletiva pelos pesquisadores do Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística.

³ Para maiores informações acerca das funcionalidades do Aoidos e do formato de texto XML/TEI, acessar o artigo *Análise comparativa entre as escansões manual e automática dos versos de Gregório de Matos* (Mittmann, Maia, Santos, 2017).

Feito isso, foi criado o *corpus* no Aoidos, o qual é composto por *Fanfarras*, de Teófilo Dias (1882). Além dela, recorri a obras de outros literatos que fizeram parte do Romantismo, do Realismo e do Parnasianismo, a saber: *Lira dos vinte anos* (Azevedo, 1853); *As primaveras* (Abreu, 1859); *Espumas flutuantes* (Alves, 1870); *Hespérides* (Carvalho Júnior, 1879); *Sinfonia* (Correia, 1883); *Opalas* (Xavier, 1884); *Sonetos e poemas* (Oliveira, 1885); e *Poesias* (Bilac, 1902).

Para tanto, essas obras foram utilizadas no *corpus* a fim de servirem de contrastes, isto é, a ideia foi comparar os elementos formais de construção de versos dessas obras com os resultados quantitativos de *Fanfarras* (1882), os quais foram gerados pelo Aoidos. Desse modo, veremos, em certa medida, o que aproxima e o que distancia o maranhense desses homens de letras cotejados nesta pesquisa.

Contudo, antes de passar para a seção seguinte, faz-se necessário falar, mesmo que brevemente, um pouco mais acerca da metodologia de estudo empregada aqui, isto é, sobre os estudos estatísticos textuais. Primeiramente, interessa dizer que essa não é uma metodologia de pesquisa recente. Pelo contrário, “os primeiros trabalhos feitos na área são datados ainda no século XIX, quando Thomas Corwin Mendenhall, já em 1887, desenvolveu uma pesquisa de autoria com a obra do inglês Francis Bacon” (Sousa, 2024, p. 02). Thomas Mendenhall analisou, nesse seu estudo, “o comprimento e a frequência de palavras no *corpus*, a fim de marcar as possíveis semelhanças e dessemelhanças existentes” (Sousa, 2024, p. 02).

Depois disso, com a criação do computador e o surgimento da internet, essa metodologia de pesquisa foi ainda mais aprimorada, novos estudos foram e/ou vêm sendo realizados, como é o caso dos trabalhos desenvolvidos por Franco Moretti, o qual cunhou, no âmbito dos estudos

literários, conceitos importantes como Distant Reading (leitura distante) e Close Reading (leitura aproximada). No Brasil, temos as pesquisas feitas pelos membros dos núcleos de pesquisas NuPILL e LAMID, os quais realizam estudos com o objeto literário viabilizadas por meio de ferramentas computacionais, a exemplo do Aoidos⁴. Dito isso, passemos para a seção seguinte.

O Romantismo e o Realismo em Teófilo Dias

Todos sabemos que o Romantismo foi um dos movimentos literários de maior destaque nas letras brasileiras, detendo ele ilustres poetas e escritores, o caso, por exemplo, de Gonçalves Dias, aquele que é tido por Luciana Stegagno-Picchio (2004, p. 08) como “o primeiro grande poeta do Brasil”. Entretanto, os dias de glória do Romantismo chegaram ao fim. Conforme ressalta Manuel Bandeira (1951, p. 07), em *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana*, “a reação contra o romantismo remonta entre nós aos últimos anos da década de 60. A chamada ‘escola coimbrã’, a publicação da *Visão dos Tempos e das Tempestades Sonoras*, de Teófilo Braga (1864), das *Odes Modernas*, de Antero de Quental (1865)”, contribuíram para o aparecimento do Realismo no Brasil. Para maiores informações, por volta de 1878, surgiu, nas colunas do *Diário do Rio de Janeiro*, a “Batalha do Parnaso”, que eram críticas no formato de verso feitas pelos poetas que se autodenominavam realistas, as quais eram direcionadas aos homens de letras do “malsinado Romantismo”. Entre essa leva de poetas, encontramos Teófilo Dias, Carvalho Júnior, Fontoura Xavier, Valentim Magalhães e Artur Azevedo. Esses literatos

⁴ Como exemplo de estudos desenvolvidos pelos membros desses núcleos de pesquisas, temos: Mittmann, Maia e Santos (2017); Lopes e Assis (2019); Mittmann, Pergher e Santos (2019); Mittmann, Esteves e Santos (2021); Sousa e Assis (2021); Sousa e Assis (2023); Silva e Assis (2023); Sousa (2023); Scarabelot (2024, não publicado), etc.

reivindicavam a criação de um projeto político, ideológico e artístico que atendesse aos anseios da sociedade da época.

Um poema muito representativo do que ocorreu na Batalha do Parnaso é o que foi publicado em 12 de maio de 1878. Nele, o poeta que assina sob o pseudônimo Seis Estrelas do Cruzeiro diz o seguinte:

Eu tenho horror à musa amante das Ofélias,
À musa que inspirava o moço do Farani,
À musa almiscarada, à musa Frangippane,
De cabeleira solta e faces de camélias.
Não posso suportar o terno romantismo,
Prefiro procurar um gordo logaritmo
A ler depois do chá uns tragos de lirismo
(Diário do Rio de Janeiro, 1878, p. 03).

Como observamos nos versos acima, o eu lírico parece não ter nenhum tipo de interesse no Romantismo. Diz ele que “prefere procurar um gordo logaritmo” a “ler depois do chá uns tragos de lirismos”. E é justamente nisso que consistem as críticas feitas pelos realistas aos românticos. Segundo escrevem Borges, Esteves e Scarabelot (2021, p. 176), os realistas da década de 70 do século XIX “buscaram se desvincilar daquele sentimentalismo amoroso e piegas manifestado por parte dos epígonos do Romantismo”. Para esses poetas, o Romantismo era, àquela época, uma “escola de lirismos piegas, etéreos, fora de moda; escola de luas, flores, namoradas impalpáveis, pálidas, adormecidas...” (Borges; Esteves; Scarabelot, 2021, p. 176).

Entretanto, uma crítica aos realistas que chama muito a atenção é a que foi feita por Machado de Assis no artigo *A nova geração*, publicado na *Revista Brasileira*, em 1879. De acordo com o que ressalta esse poeta crítico, embora os poetas da nova geração se dissessem contrários ao Romantismo, ainda se via muito da poética romântica em suas produções, tanto do ponto de vista formal (uso abundante do verso branco e da redondilha maior) quanto do ponto de vista temático

(sentimentalismo amoroso, patriotismo, valorização da natureza, idealização da mulher etc.).

E essa não é, no caso específico de Teófilo Dias, o qual inclusive é analisado por Machado nesse seu artigo, uma crítica errônea. Existem, de fato, marcas de estilo do Romantismo em sua poética, precisamente nas suas duas primeiras obras publicadas – *Flores e amores* (1874) e *Lira dos verdes anos* (1878). No caso de *Lira dos verdes anos*, cujo título remete à *Lira dos vinte anos*, de Álvares de Azevedo, notamos a influência de poetas como Castro Alves e Gonçalves Dias, o tio de Teófilo.

E, dentre os poemas que a compõem, encontramos “Minha terra”, o qual remete à “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias⁵. Para vermos as semelhanças entre eles, notemos o que fala o eu poético de “Minha terra”⁶:

Florestas virgens, que me fostes berço,
Perdão! perdão! se o filho das devesas,
Que muito desejou por vós somente,
Ao sopro da ambição fugindo nos lares,
Saudoso vos deixou, de glória em busca:
Por castigo lhe baste a ausência vossa!

E quando acaso, o peregrino, um dia,
Ao sol das desventuras encalmando,
Procurar vossa sombra, oh! dai-lhe abrigo!
Meus selvagens irmãos, troncos dos ermos,
Do ingrato recebei nas vossas folhas
A poeira dos ossos desparzida
(Dias, 1878, p. 08).

O eu lírico de “Minha terra”, do mesmo jeito que o eu lírico de “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, fala da saudade que sente de sua terra natal, isto é, de Caxias-MA; de como ele sofria por ter saído de lá muito cedo,

⁵ Casimiro de Abreu também possui dois poemas intitulados “Canção do exílio”, ambos publicados no livro *As primaveras* (1859). E, do mesmo modo que Gonçalves Dias e Teófilo Dias, ele também fala da saudade de sua terra natal.

⁶ Esse poema apresenta uma epígrafe de “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, o que serve para validar ainda mais essa minha impressão, isto é, a de que Teófilo teria se inspirado no poema do tio para compor seus versos.

bem como da beleza exuberante de suas matas e paisagens. A respeito desse poema, Glória Carneiro do Amaral (1996), uma das estudiosas da obra de Teófilo Dias, afirma que ele funciona como uma espécie de “álbum familiar”. E, semelhante a Amaral (1996), Fábio Casemiro (2008, p. 15) argumenta que a “estrofe de ‘Minha Terra’ mostra um poeta de marcado talento para as paráfrases: a referência aos versos de seu tio Gonçalves Dias parece funcionar como ‘carta de apresentação’ do poeta maranhense à sociedade da época”.

Para além de “Minha terra”, verificamos, ainda em *Lira dos verdes anos* (1878), poemas como “Risos”, “Lembra-te de mim”, “O sono”, “Tristezas”, “Não chores”, “Pobre flor” e “Sombras”. Neles, percebemos o sentimentalismo amoro e piegas combatidos pelos poetas da nova geração no que toca à poética romântica. Em “Sombras”, por exemplo, poema que traz uma epígrafe de Fagundes Varela, o eu poético diz:

Na hora em que as nuvens dormitam no espaço,
Do céu no regaço — de fulgido alvor,
E a lua cansada seus raios enfia
Na rede sombria dos ramos em flor,

Eu vi! nem foi sonho de formas sem vida,
Que a mente iludida, por caso, gerou,
Nem fada, nem anjo de nítidas plumas,
Que em carro de brumas na terra passou:

[...]

Oh! vem, peregrina visão de meus sonhos!
Teus olhos tristonhos, teus lábios sem cor,
Eu quero animá-los n’um beijo tão leve
Que a forma de neve não turve o palor!

Encanto das selvas! que rir merencório!
Teu seio marmóreo palpita com frio...
Meu Deus! que eu não possa morrer suspirando
De vida inundando seu peito vazio!
(Dias, 1878, p. 30).

Nesse poema de Teófilo, observamos exatamente o que pontuam Borges, Esteves e Scarabelot (2021, p. 176) acerca do que pregavam o realistas em se tratando do Romantismo, precisamente quando dizem que, na visão de tais poetas, era ele uma “escola de luas, flores, namoradas impalpáveis, pálidas, adormecidas...”, conforme pontuei anteriormente. O eu lírico de “Sombras” fala de lua, flor e sonho; além disso, a mulher de que trata nem é fada e nem é anjo, é uma peregrina visão. Ela possui olhos tristonhos, lábios sem cor e tem o sorriso melancólico. Aqui, interessa mostrar o que escreve Cândido (1960, p. 17) sobre esse poema de Teófilo, dizendo que ele “não passa duma cópia minuciosa de ‘Névoas’”, de Fagundes Varela⁷.

Antes de passar para a segunda parte desta seção, em que me proponho evidenciar as marcas de estilo do Realismo na poesia de Teófilo, importa dizer que ele próprio tinha noção dessa influência romântica em suas *Lira dos verdes anos*. Quando publicou essa obra, a qual saiu no mesmo ano de *Cantos tropicais*, exatamente em 1878, o maranhense escreveu uma nota explicativa pedindo desculpas aos seus leitores, posto que ela apresentava, ainda, elementos de versificação semelhantes aos dos românticos. Para melhor evidenciar tal acontecimento, vejamos as palavras de Teófilo:

NOTA

Por motivos que não vem ao caso referir, este livro, que deveria ser publicado em fins de 1876, só agora, ao cabo de quase dois anos aparece.

Sirva esta declaração de desculpa do autor, que pensava de modo muito diverso do que hoje quando compôs estes versos.

Maio — 1878 (Dias, 1878, p. 03).

A título de explicação, o que levou o maranhense a publicar *Lira dos verdes anos*, obra que é composta por poemas escritos entre os anos 1875 e

⁷ Outro poema de Teófilo Dias que traz marcas de estilo da poética de Fagundes Varela é “Juvenília”, que é homônimo do primeiro poema de seus *Cantos e fantasias*, publicado em 1865, pela Casa Garraux.

1876, com cerca de dois anos de atraso, foi simplesmente porque Teófilo Dias esperava que um amigo dele que atendia por Francisco Otaviano de Almeida Rosa fizesse um prefácio que havia prometido para ele, promessa essa que não chegou a ser cumprida.

Dito isso, passemos, então, para *Cantos tropicais*, sua terceira obra publicada. Conforme pontua a fortuna crítica de Teófilo (Assis, 1879; Cândido, 1960), essa obra marca o ponto de maturidade da produção do caxiense. Nela, embora ainda verifiquemos poemas com características românticas, encontraremos sonetos como “Olhos azuis” e “Teus olhos”. De acordo com o que ressalta Antonio Cândido, Teófilo funde, em “Olhos azuis”, “emoções e sensações normalmente dissociadas, ou associadas de outro modo: há som na luz, consistência na vibração, ritmo associado ao perfume, — como se vislumbra também noutro poema, ‘Teus Olhos’” (Cândido, 1960, p. 21). Isso posto, observemos como se expressa o eu lírico de “Olhos azuis”:

Na luz que o teu olhar azul transpira
Há sons espirituais, inebriantes,
Orvalhados de lágrimas — vibrantes
Como as notas da gusla que suspira

A harpa, o bandolim, a flauta, a lira,
As vibrações suaves, cintilantes,
Facetadas, floridas, provocantes,
Do piano que ri, chora e delira,

Não traduzem o ritmo silencioso,
O perfume prismático, a magia
Do teu olhar inquieto, voluptuoso,

Que me levanta em ondas de harmonia,
Como suspenso manto vaporoso
A flor dos mares ao romper do dia!
(Dias, 1878, p. 16).

Como vemos nos versos de “Olhos azuis”, a maneira como o eu lírico de Teófilo trata a mulher parece ter sofrido alterações. Diferente da mulher

de “Sombras”, ela tem o olhar inquieto, voluptuoso, além disso, tem as facetas floridas e provocantes. E essa maneira sensual e erótica de representar a figura feminina é uma das principais características da poética realista. Comenta Glória Carneiro do Amaral (1996, p. 53) que os realistas produzem “um lirismo sem idealizações românticas. O amor sexualiza-se de forma exacerbada; o detalhe insignificante ou cru, antipoético, no prisma romântico, adquire lugar central”. Amaral, ao se referir à poesia de Carvalho Júnior, poeta que fez parte da chamada nova geração e que é usado no *corpus* deste artigo, informa que a mulher apresentada por ele e pelos outros poetas era “palpável e concreta em sua carnalidade, que melhor lhe convinha para se opor às virgens etéreas que povoavam os sonhos dos nossos românticos” (Amaral, 1996, p. 73).

Para tanto, embora Teófilo tenha apresentado modificações no estilo já em *Cantos tropicais*, o que pode ser verificado tanto no plano do conteúdo quanto no plano formal⁸, é justamente em *Fanfarras* (1882) que esse ideal poético realista será alcançado pelo maranhense, mais precisamente na primeira parte, intitulada “Flores funestas”, a qual é composta por 27 poemas, sendo 6 traduções de *As flores do mal*, de Charles Baudelaire. E, conforme argumenta Paulo Pergher (2020, p. 04), “a relação entre perfumes exalados por mulheres [...] e o efeito de um desejo sombrio do eu poético, por vezes absorto e em vias de delírio, isto é, funestos, é uma das características centrais dos poemas da primeira parte de *Fanfarras*”. Grosso modo, Pergher diz que “a noção de *flores funestas* implica um curioso paradoxo, de timbre tácito e ébrio em Teófilo Dias: como algo tão belo pode ser mortal” (2020, p. 04).

⁸ Observamos que ele passa a empregar o verso alexandrino clássico e o soneto, elementos de versificação esses que são, na opinião de Cândido (1960), marcas de estilo da poética realista e também parnasiana. Isso não significa que poetas que antecederam esses homens de letras não tenham feito uso do alexandrino clássico e do soneto, a diferença é que os poetas da geração de 70 e 80 do século XIX fizeram maior uso desses elementos.

Dentre os poemas que compõem *Fanfarras* que apresentam esse tom sensual e provocante pontuado pelos estudiosos da poética de Teófilo, o caso de Machado (1882) e Pergher (2020), citam-se “A matilha”, “A estátua” e “Esfinge”. Em “A matilha”, por exemplo, diz Pergher (2020, p. 10) que, “antes de proceder gradualmente ao estado de loucura, febre e delírio, o poema principia em uma caçada voraz: trata-se de uma matilha que persegue os rastros de sua preza ferida”. Para confirmar essa impressão crítica de Pergher (2020), olhemos os versos abaixo retirados de “A matilha”:

Pendente a língua rubra, os sentidos atentos,
Inquieta, rastejando os vestígios sangrentos,
A matilha feroz persegue enfurecida,
Alucinadamente, a presa mal ferida.

Um, afitando o olhar, sonda a escura folhagem;
Outro consulta o vento; outro sorve a bafagem,
O fresco, vivo odor, cálido e penetrante,
Que, na rápida fuga, a vítima arquejante
Vai deixando no ar, pérfido e traiçoeiro;
Todos, num turbilhão fantástico, ligeiro,
Ora, em vórtice, aqui se agrupam, rodam, giram,
E, cheios de furor frenético, respiram,
Ora, cegos de raiva, afastados, dispersos,
Arrojam-se a correr. Vão por trilhos diversos,
Esbraseando o olhar, dilatando as narinas.
Transpõem num momento os vales e as colinas,
Sobem aos alcantis, descem pelas encostas,
Recruzam-se febris em direções opostas,
'Té que da presa, enfim, nos músculos cansados,
Cravam com avidez os dentes afiados.

Não de outro modo, assim meus sôfregos desejos,
Em mantilha voraz de alucinados beijos,
Percorrem-te o primor às langorosas linhas,
As curvas juvenis, onde a volúpia aninhas,
Frescas ondulações de formas fluorescentes
Que o teu contorno imprime às roupas eloquentes:
O dorso aveludado, elétrico, felino,
Que poreja um vapor aromático e fino;
O cabelo revolto em anéis perfumados,
Em fofos turbilhões, elásticos, pesados;
(Dias, 1882, p. 05).

O animalismo foi outro tema explorado pelos realistas, e nesse poema de Teófilo Dias isso fica muito claro. Como vemos, o eu lírico de “A matilha” compara seus instintos sexuais aos instintos de um bando feroz de lobos. Aqui, vale recorrer novamente ao que pontuou Pergher acerca desse poema; escreve o pesquisador que “é somente a partir da terceira estrofe que se percebe a metáfora animalesca: trata-se de um grupo de homens, cujos desejos vorazes os compelem a perseguir alucinadamente uma jovem mulher” (Pergher, 2020, p. 11). Depois disso, “quando a tomam, com beijos passam a percorrer langorosas linhas e formas fluorescentes, impressas em suas roupas. A matilha alucinada explora a substância fatal que palpita nas veias da jovem, que poreja do seu dorso aveludado” (Pergher, 2020, p. 11).

Outrossim, antes de passar para a próxima seção, importa mostrar o que escreveu Antonio Cândido (1989) a respeito de “A matilha”. Segundo comenta ele, esse poema consiste numa “caçada simbólica onde os cães do desejo, lançados numa carreira desenfreada, alcançam afinal a presa, isto é, a posse, numa imagem que deixa expostas as componentes de violência do amor” (Cândido, 1989, p. 13).

O corpus e os resultados quantitativos gerados pelo Aoidos

Dito em outro momento, o *corpus* de estudo deste artigo é composto por obras de poetas denominados românticos, realistas e parnasianos, num total de 9 textos, quais sejam: *Lira dos vinte anos* (Azevedo, 1853); *As primaveras* (Abreu, 1859); *Espumas flutuantes* (Alves, 1870); *Hespérides* (Carvalho Júnior, 1879); *Fanfarras* (Dias, 1882); *Sinfonia* (Correia, 1883); *Opalas* (Xavier, 1884); *Sonetos e poemas* (Oliveira, 1885); e *Poesias* (Bilac, 1902). A fim de deixar essas informações ainda mais claras, a tabela abaixo apresenta o número exato de poemas e versos de cada poeta analisado neste estudo:

Tabela 01 – Levantamento do total de poemas e versos em cada poeta do *corpus*

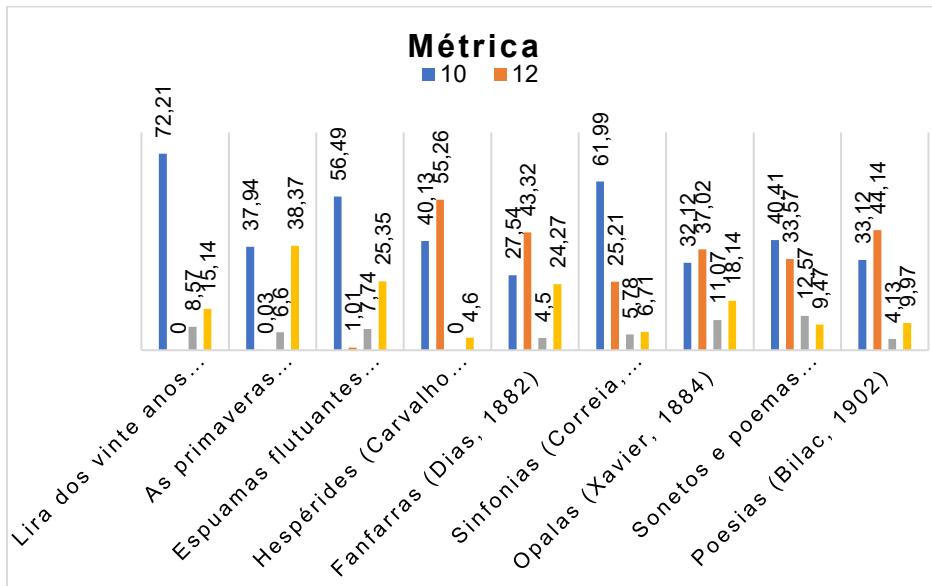
Obras	Total de poemas	Total de versos
Lira dos vinte anos (Azevedo, 1853)	40	3638
As primaveras (Abreu, 1859)	71	3257
Espumas flutuantes (Alves, 1870)	61	3151
Hespérides (Carvalho Júnior, 1879)	22	304
Fanfarras (Dias, 1882)	37	1071
Sinfonia (Correia, 1883)	80	1384
Opalas (Xavier, 1884)	44	1102
Sonetos e poemas (Oliveira, 1885)	54	2576
Poesias (Bilac, 1902)	145	4259

Fonte: Aoidos

De mais e mais, interessa dizer que o *corpus* possui um total de 20.742 versos. Para tanto, dentre as possibilidades de análises automáticas que podem ser feitas no Aoidos, destacarei o levantamento automático dos metros, especificamente dos versos de 6, 7, 10 e 12 sílabas. Assim, saberemos, por exemplo, quem faz mais uso dos decassílabos heroicos e sáficos; bem como do alexandrino clássico. Além disso, evidenciarei a distribuição da forma fixa de poema soneto e dos metaplasmos sinalefa e sinérese dispostos no *corpus*.

O primeiro recorte de que tratarei, aqui, é o levantamento automático da métrica no *corpus*. Para facilitar a compreensão, mostrarei os quatro tipos de metros mais usados pelos poetas cotejados. Olhemos os resultados gerados pelo Aoidos no gráfico abaixo:

Gráfico 01 - Levantamento automático dos metros no *corpus*

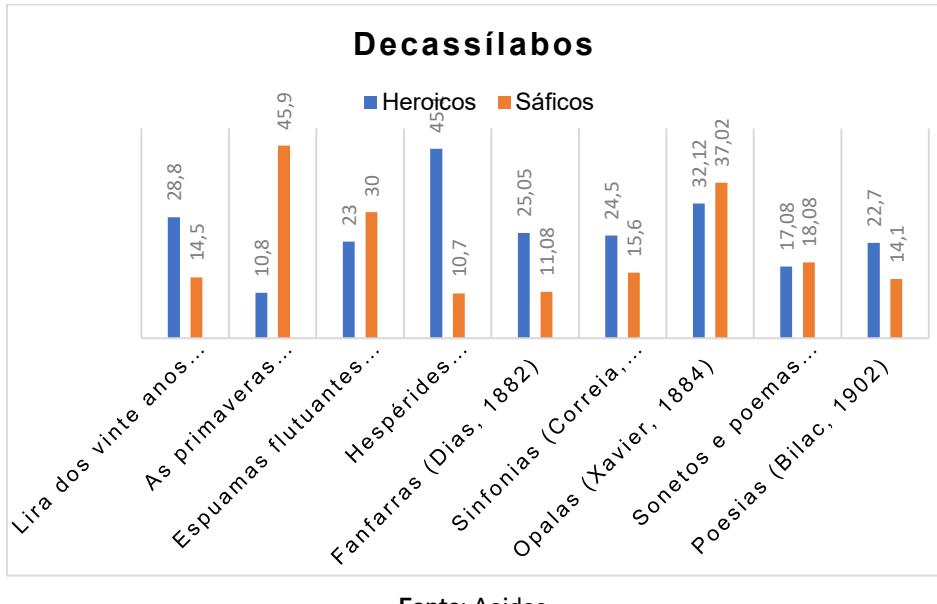


Fonte: Aoidos.

A partir dos resultados do gráfico 01, percebemos que os poetas denominados românticos Álvares de Azevedo (1853) e Castro Alves (1870) possuem uma preferência maior pelo verso de dez sílabas, apresentando eles, respectivamente, o equivalente a 72,21% e 56,49%. Do mesmo jeito que esses poetas, temos Raimundo Correia (1883) e suas *Sinfônias*, com o decassílabo representando, nessa sua obra, 61,99%.

De maneira geral, notamos que todos os poetas que compõem este *corpus* de estudo recorrem ao decassílabo, a diferença sendo a quantidade de vezes que cada um deles faz uso desse elemento formal de versificação. Ora, e o que isso significa? Significa que não dá para fazermos um julgamento final e/ou taxativo de uma determinada obra somente a partir de um resultado como esse, posto que tanto os poetas românticos quanto os realistas e parnasianos fazem uso do decassílabo.

Esse resultado fica ainda mais evidente quando olhamos a disposição dos decassílabos heroicos e sáficos no *corpus*:

Gráfico 02 - Levantamento automático dos decassílabos heroicos e sáficos no *corpus*

Fonte: Aoidos.

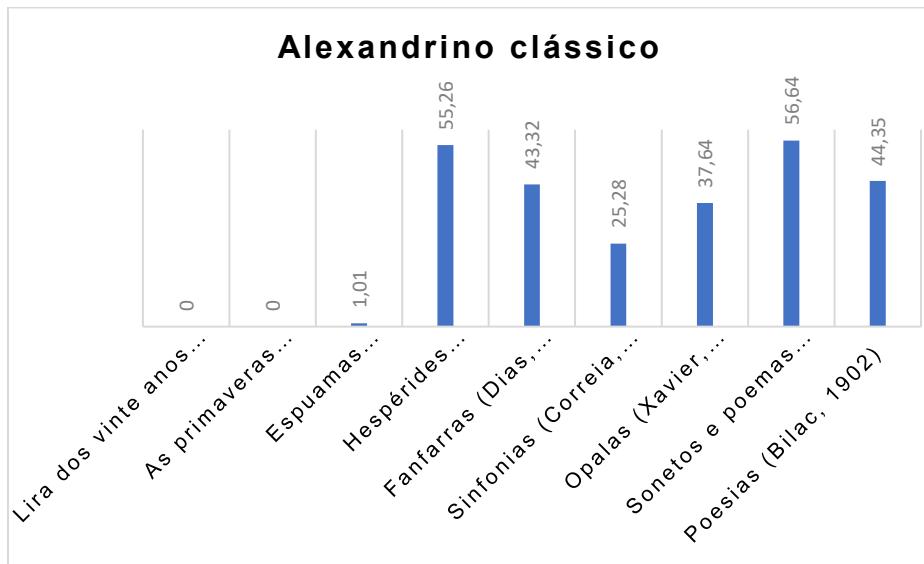
Embora críticos importantes como Péricles Eugênio da Silva Ramos (1968) afirmem que os poetas parnasianos não tenham sido apreciadores do verso decassílabo sáfico, os resultados gerados pelo Aoidos se mostram bem na contramão do que eles propõem. Conforme observamos no gráfico 02, não existe, a bem da verdade, uma uniformidade quanto ao uso dos decassílabos heroicos e sáficos, pelo menos não nos poetas que foram cotejados aqui. Ora, *Sonetos e poemas* de Alberto de Oliveira (1885) se mostra bem equilibrada quanto ao emprego desses elementos de versificação. Isso serve também para Raimundo Correia (1883) e Olavo Bilac (1902): mesmo que eles façam mais uso do decassílabo heroico, não podemos negar seus interesses para com o sáfico. Indo um pouco mais adiante, notamos os resultados de *Lira dos vinte anos*, de Álvares de Azevedo. Essa obra apresenta mais versos decassílabos heroicos do que sáficos, o que, se comparado com os resultados das obras dos seus companheiros de geração, Casimiro de Abreu (1859) e Castro Alves (1870), não faz nenhum sentido. Logo, ao que tudo indica, quando se trata do uso dos decassílabos heroicos e sáficos por parte desses poetas, esses

resultados têm mais a ver com o estilo autoral, isto é, com suas escolhas individuais e/ou particulares.

Entretanto, se nos voltarmos para os resultados dos versos de doze sílabas, veremos que os românticos não foram apreciadores desse tipo de verso. Esses poetas não fizeram seu uso, como no caso de Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu, ou empregaram bem pouco o dodecassílabo em suas obras, ao passo que os poetas denominados realistas e parnasianos se sobressaem quanto ao emprego dele, mais precisamente do verso alexandrino clássico. Teófilo Dias, por exemplo, o qual, como já dito, é considerado o introdutor do Parnasianismo no Brasil, apresenta o equivalente a 43,32%, sendo o alexandrino clássico o metro mais recorrente em suas *Fanfarras*.

Para verificarmos a procedência de tais informações, notemos, de maneira isolada, os resultados do levantamento automático dos versos de doze sílabas presentes no *corpus*:

Gráfico 03 - Levantamento automático do alexandrino clássico no *corpus*



Fonte: Aoidos.

Olhando para os resultados acima, percebemos que, de fato, os românticos não foram apreciadores do verso alexandrino clássico, diferentemente dos demais poetas cotejados. Nesse caso, é possível afirmar que Antonio Cândido (1960) tinha razão quando disse que o que diferenciava os realistas, cujas obras ainda tinham muito dos postulados românticos, era, do ponto de vista formal, apenas a generalização do alexandrino, “que vinha progredindo lentamente desde Varela” (Cândido, 1960, p. 22). Informa ele que “naqueles anos manifestou-se um grupo considerável de poetas, no fundo ainda românticos, apesar dos protestos, que desejavam superar o sentimentalismo pela renovação dos temas” (Cândido, 1960, p. 22)⁹. Esses poetas “recorreram, de um lado, à sensualidade realista; de outro, à política, à exaltação do progresso, aos termos apanhados na divulgação científica, então em grande voga” (Cândido, 1960, p. 22). Ora, Carvalho Júnior (55,26%), Teófilo Dias (43,32%) e Fontoura Xavier (37,64%) são exemplos fecundos disso, seja pelo uso considerável do alexandrino clássico ou pelas temáticas abordadas em suas obras, como o sensualismo e erotismo, a aversão à forma de governo monárquico e à escravidão.

E é interessante pontuar também que o alexandrino clássico, muito mais que nos realistas, é uma das marcas características da poética parnasiana, bastando vermos os resultados das obras de Alberto de Oliveira (1885), Olavo Bilac (1902) e Raimundo Correia (1883). Esse último poeta citado é quem menos faz uso desse tipo de verso, mas isso se explica pelo fato de ele recorrer mais ao decassílabo em suas *Sinfônias*.

Dito isso, passemos, então, para os resultados do levantamento automático da forma fixa de poema soneto, a qual, como sugere Péricles Eugênio da Silva Ramos (1989), em *Introdução ao parnasianismo brasileiro*,

⁹ Machado de Assis, no seu artigo sobre a nova geração, ao tratar desses poetas ditos realistas, ressalta que “a influência francesa é ainda visível na parte métrica, na exclusão ou decadência do verso solto, e no uso frequente ou constante do alexandrino” (Machado, 1879, p. 04).

foi retomado com o surgimento e disseminação do Parnasianismo, assim como o triolé, o rondó, o rondel e o pantum:

Tabela 02 - Levantamento automático do soneto no *corpus*

Autores	Porcentagens em cada poeta
Lira dos vinte anos (Azevedo, 1853)	0,4%
As primaveras (Abreu, 1859)	0%
Espumas flutuantes (Alves, 1870)	11,47%
Hespérides (Carvalho Júnior, 1879)	90,9%
Fanfarras (Dias, 1882)	32,43
Sinfonia (Correia, 1883)	47,5%
Opalas (Xavier, 1884)	29,51%
Sonetos e poemas (Oliveira, 1885)	57,4%
Poesias (Bilac, 1902)	54,48%

Fonte: Aoidos.

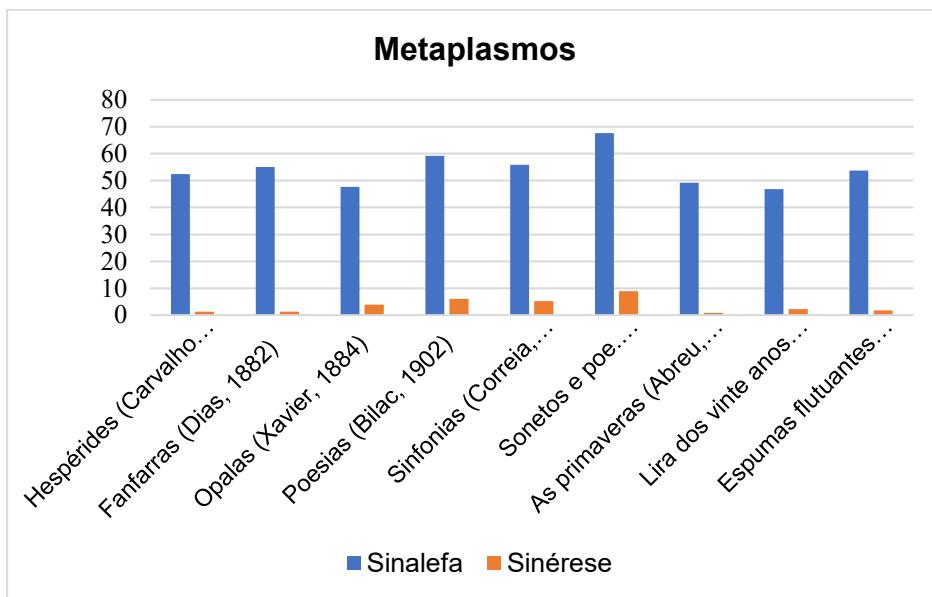
A tabela 02 nos mostra que os românticos, semelhante aos resultados da disposição do alexandrino clássico, não fizeram grande uso do soneto. Casimiro de Abreu (1859), por exemplo, não fez uso nenhuma só vez em sua obra *As Primaveras*. Entretanto, os poetas denominados realistas e parnasianos se sobressaem quanto ao soneto, especialmente Carvalho Júnior (90,9%), Alberto de Oliveira (57,4%) e Olavo Bilac (54,48%). Teófilo Dias não fica muito atrás dos seus companheiros de geração, pois essa forma fixa de poema equivale a cerca de 32,43% em suas *Fanfarras*.

Um dado interessante diz respeito ao emprego do soneto por parte de Teófilo Dias: é que o maranhense não fez uso uma só vez desse elemento de versificação em suas *Liras dos verdes anos*. Teófilo só passou a usar o soneto em *Cantos tropicais*, da mesma forma que fez quanto ao emprego

do alexandrino clássico. E isso, ao que me parece, são indícios de mudanças no modo de fazer poético do literato caxiense.

Contudo, para finalizar as análises que me propus a fazer e nos encaminharmos para a conclusão deste trabalho, veremos, logo abaixo, o modo como estão dispostos os metaplasmos sinalefa e sinérese no *corpus*:

Gráfico 04 - Disposição dos metaplasmos sinalefa e sinérese no *corpus*



Fonte: Aoidos.

Para críticos como Manuel Bandeira (1951) e Péricles Eugênio da Silva Ramos (1989), os parnasianos tinham preferência pela sinalefa e sinérese. Segundo ressalta Ramos (1989, p. 08), “há tendência quase invencível em poetas como Alberto de Oliveira à prática da sinalefa e da sinérese, quase desaparecendo a diérese e o hiato, isto pelo ‘horror ao hiato’, adquiridos não nos clássicos da língua, mas nos manuais franceses”. E os resultados gerados pelo Aoidos mostram exatamente isso: os poetas que compõem a chamada “tríade parnasiana”, isto é, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e Raimundo Correia recorreram muito mais à sinalefa e à sinérese do que seus companheiros de geração, semelhante ao que diz Manuel Bandeira

(1951). É claro que todos os outros literatos aqui cotejados também fizeram uso desses elementos, mesmo os poetas românticos Álvares de Azevedo (1859), Casimiro de Abreu (1853) e Castro Alves (1870). Como no caso dos decassílabos heroicos e sáficos, a diferença é que os parnasianos fizeram maior uso desses dois elementos de versificação.

Considerações finais

Como dito na parte inicial deste artigo, o que busquei fazer, aqui, foi apresentar o acúmulo de poéticas distintas na poesia de Teófilo Dias, poeta que é apontado por críticos como Sílvio Romero (1905) como o introdutor do Parnasianismo no Brasil. Entretanto, diferente do que pontua a fortuna crítica do maranhense (Romero, 1905; Carvalho, 1931; Carpeaux, 1951; Cândido, 1960; Bosi, 2017, etc.), vimos que, além do Parnasianismo (quando se fala do plano formal em *Fanfarras* e, de alguma maneira, em *Cantos tropicais*), existe, em Teófilo, tanto marcas de estilo do Romantismo quanto do Realismo. Em *Lira dos verdes anos*, Teófilo Dias faz uso de elementos de versificação comumente associados ao Romantismo, seja pela forma (uso do verso branco), seja pelo conteúdo, quando ele recorre aos temas combatidos pelos realistas, bem como o sentimentalismo exagerado e piegas, a exaltação da natureza, a idealização da mulher e o patriotismo.

Em *Cantos tropicais*, embora empregue, ainda, elementos formais da poética romântica, vemos a presença dos ideais realistas, sobretudo quando vai tratar da figura feminina, além do uso do soneto e do verso alexandrino clássico, os quais já começam a ser empregos pelo caxiense nessa sua obra. Contudo, esse ideal artístico é alcançado justamente em *Fanfarras*, conforme sugerem Machado (1879) e Cândido (1960). Em se tratando do conteúdo dessa obra de Teófilo, vimos que ele, semelhante aos seus companheiros de geração, em especial Carvalho Júnior,

apresenta a figura feminina de outro modo, ela é provocante e desperta desejos alucinantes no eu lírico. De outro modo, na segunda parte de suas *Fanfarras*, intitulada “Revolta”, ele trata de temas como política, religião e progresso, tal qual pontua Antonio Candido (1960) acerca da poética realista.

Do mesmo modo, no que toca aos resultados dispostos pelo Aoidos, observamos as marcas de estilo do Parnasianismo em *Fanfarras*, seja pelo uso do decassílabo heroico, como quer que seja Péricles Eugênio da Silva Ramos (1967; 1968), precisamente quando fala da suposta preferência do verso decassílabo heroico por parte dos parnasianos, seja pelo uso frequente do verso alexandrino clássico, do soneto e também da sinalefa e sinérese. Além disso, os resultados evidenciados por essa ferramenta serviram, também, para confirmar a minha hipótese, isto é, de que não existe uma uniformidade entre poetas românticos, realistas e parnasianos: basta vermos os resultados do levantamento automático dos decassílabos heroicos e sáficos.

Com ele, vimos que o simples fato de um elemento de versificação ser associado a um determinado grupo de poetas, como é o caso do soneto e do alexandrino clássico, os quais são associados à poética parnasiana, não significa que os demais grupos não tenham feito uso dele. Embora a crítica literária informe que os parnasianos tivessem preferência pelo decassílabo heroico, não significa que eles não tenham empregado também o decassílabo sáfico, do mesmo jeito que os românticos, os quais também recorreram ao decassílabo heroico, à sinalefa e à sinérese.

REFERÊNCIAS

ABREU, Casimiro de. *As primaveras*. Rio de Janeiro: Tipografia Imparcial de Francisco de Paula Brito, 1859.

ALVES, Castro. *Espumas flutuantes*. Salvador: Tipografia de Camilo de Lellis Masson, 1870.

AMARAL, Glória Carneiro do. *Aclimatando Baudelaire*. São Paulo: Annablume, 1996.

ASSIS, Emanoel Cesar Pires; LOPES, Daniel. A estatística textual computadorizada e a literatura brasileira: uma análise do romance “Miragem”, de Coelho Neto. *Studia Iberystyczne*, v. 18, p. 259-270, 2019. Disponível em: <https://journals.akademicka.pl/si/article/view/1047>. Acessado em: 21 out. 2024.

ASSIS, Machado de. A nova geração. *Revista Brasileira: Jornal de literatura, teatros e indústria*, Rio de Janeiro, vol. II, dez. 1879. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=8247>. Acessado em: 24 out. 2023.

ASSIS, Machado. Bibliografia. *Gazetinha*, Rio de Janeiro, 17 Jun. 1882, ed. 136. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706850&pesq=%22Te%C3%B3filo%20Dias%22&pagfis=865>. Acessado em: 09 jul. 2022.

AZEVEDO, Álvares de. *Obras de Manuel Antônio Álvares de Azevedo [1853-1855]*. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert; Tipografia Americana de J. J. da Rocha, 1853.

BANDEIRA, Manuel. *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana*. 3^a ed. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1951.

BILAC, Olavo. *Poesias*: edição definitiva. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1902.

BORGES, Isabela Melim; ESTEVES, Gabriel; SCARABELOT, Leandro. A representação da figura feminina em alguns poemas da batalha do parnaso. *Revista Em tese*, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, set.-dez., p. 175-190, 2021. Disponível em:
<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/18582/1125614345>. Acessado em: 26 jan. 2024.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2017.

CANDIDO, Antonio. Os primeiros baudelairianos. In: CANDIDO, Antonio (Org). *A educação pela noite e outros ensaios*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1989, p. 23-38. Disponível em:
<https://joaocamilloppenna.files.wordpress.com/2014/03/antonio-candido-a-educacao-pela-noite.pdf>. Acessado em: 26 jun. 2023.

CANDIDO, Antonio. *Teófilo Dias: poesias escolhidas*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1960.

CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde / Serviço de Documentação, 1951.

CARVALHO JÚNIOR, F. *Hespérides [Parisina]: escritos póstumos*. Artur Barreiros (Org.). Rio de Janeiro: Tipografia de Agostinho Gonçalves Guimarães, 1879.

CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. 6ª ed. Rio de Janeiro: FBRIGUIE T & C, Editores, 1937.

CASEMIRO, Fábio Martinelli. *Carne, imagem e revolta na lírica de Teófilo Dias*. 2008. 751 f. Dissertação (Teoria e História Literária), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas-SP, 2008. Disponível em:
<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=114855>. Acessado em: 09 jan. 2024.

CORREIA, Raimundo. *Sinfonias*. Rio de Janeiro: Livraria Contemporânea de Faro e Lino, 1883.

DIAS, Teófilo. *Lira dos verdes anos*. Rio de Janeiro: Editor Evaristo Rodrigues da Costa, 1878.

DIAS, Teófilo. *Cantos tropicais*. Rio de Janeiro: Livraria de Augustinho Gonçalves Guimarães & Cia, 1878.

DIAS, Teófilo. *Fanfarras*. São Paulo: Dolivaes Nunes, 1882.

MAGALHÃES, Valentim. *A literatura brasileira: 1870-1895*. Lisboa: Tipografia e Stereotipia Moderna, da Casa Editora Antonio Maria Pereira, 1896.

MITTMANN, A.; MAIA, S. R.; SANTOS, A. L. dos. Análise comparativa entre as escansões manual e automática dos versos de Gregório de Matos. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 157-179, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1807-9288.2016v13n1p157>. Acessado em: 17 out. 2023.

MITTMANN, Adiel; SANTOS, Alckmar Luiz dos; PERGHER, Paulo Henrique. What Rhythmic Signature Says About Poetic Corpora. In: PLECHÁČ, Petr; SCHERR, Barry P.; SKULACHEVA, Tatyana; BERMÚDEZ-SABEL, Helena; KOLÁR, Robert Kolár. Quantitative Approaches to Versification. 1 ed. Praga: Institute of Czech Literature of the Czech Academy of Sciences, 2019, v. 1, p. 153-169. Disponível em: <https://versologie.cz/conference2019/proceedings/mittmann-pergher-dossantos.pdf>. Acessado em: 26 out. 2022.

MITTMANN, Adiel; ESTEVES, Gabriel; SANTOS, Alckmar Luiz dos. Peeking Inside the Rhythmic Possibilities of the Portuguese Decassílabo. In: PLECHÁČ, P.; KOLÁR, R.; BORIES, A.; íha, J.. (Org.). *Tackling the Toolkit: Plotting Poetry through Computational Literary Studies*. 1ª ed. Praga: ICL CAS, 2021, v. 1, p. 75-90. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/247723/PLIT0923-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em: 21 out. 2024.

OLIVEIRA, Alberto de. *Sonetos e poemas*. Rio de Janeiro: Tipografia e Litografia Moreira Maximino & Cia., 1885.

PERGHER, Paulo Henrique. De perfumes acres e sombria volúpia: as flores funestas de Teófilo Dias. *Revista de Letras Juçara*, Caxias

Maranhão, v. 04, n. 01, p. 43-58, jul. 2020. Disponível em:
<https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2195/1646>.
Acessado em: 09 jul. 2023.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Poesia parnasiana*. São Paulo: Edições Melhoramento, 1967.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Do Barroco ao Modernismo*. São Paulo: Imprensa oficial do Estado, 1968.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Introdução ao Parnasianismo brasileiro*. São Paulo: Revista da Universidade de São Paulo, 1989.

ROMERO, Sílvio. *Evolução do lirismo brasileiro*. Recife: Tipografia de J. B. Edelbrock, 1905.

SILVA, Antonia Eduarda Trindade da; ASSIS, Emanoel Pires de. O real-naturalismo na literatura pelo viés da Leitura Distante: um estudo do corpus OBras. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 108-157, 2023. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/95297/54013>. Acessado em: 21 out. 2023.

SEIS ESTRELAS DO CRUZEIRO. A Guerra do Parnaso. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 12 mai. 1878, ed. p. 04. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_02&Pessq=%22Guerra%20do%20Parnaso%20em%20Portugal%22&pagfis=37219. Acessado em: 15 jan. 2024.

SOUSA, Ana Paula Nunes de; ASSIS, Emanoel César Pires de. Humberto de Campos e a obra psicografada Crônicas de além-túmulo. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 1, p. 128-141, 2021. Disponível em:
<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/2694/pdf>. Acessado em: 24 jul. 2023.

SOUSA, Ana Paula Nunes de. Teófilo Dias e a poética parnasiana: estudo estilométrico. 2023. 166 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/247723>. Acessado em: 27 ago. 2023.

SOUSA, A. P. N. de; PIRES, E. Análises estatístico-computacionais de atribuição de autoria: Augusto dos Anjos e a obra psicografada Parnaso de Além-Túmulo. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 17, p. e1749, 2023. DOI: 10.14393/DL17a2023-49. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/70187>. Acesso em: 21 out. 2024.

SOUSA, Ana Paula N. Teófilo Dias e o Parnasianismo: estudo estatístico textual. *Revista de Literatura, História e Memória. Cascavel*. v. 20, n. 35, p. 1-13, ago/2024. Disponível em: [file:///C:/Users/anapa/Downloads/Ana+Paula+Nunes+de+Sousa%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/anapa/Downloads/Ana+Paula+Nunes+de+Sousa%20(1).pdf). Acessado em: 21 out. 2024.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

XAVIER, Antônio Vicente da Fontoura. *Opalas*. Pelotas (RS): Carlos Pinto e Companhia, 1884.

NOTAS DE AUTORIA

Ana Paula Nunes de Sousa (anapaulacs1234@gmail.com): Doutoranda em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGLit-UFSC). Mestre em Literatura (PPGLit-UFSC). Graduada em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA/Campus Caxias). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL/CNPq); e do Núcleo de Pesquisa em Literatura, Arte e Mídias (LAMID/CNPq).

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

SOUSA, Ana Paula Nunes de. Teófilo Dias e o acúmulo de poéticas distintas em sua poesia. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 134-163, 2024.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 1º abr. 2024

Aprovado em: 21 out. 2024